

MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

AS RIQUEZAS DA FÉ

SEPARATA DA REVISTA «RUMO» N.º 154 — DEZEMBRO — 1969

NESSE canto às riquezas da fé que é a Epístola aos Gálatas, S. Paulo diz-nos que o cristão deve viver com a liberdade que Cristo para nós ganhou (IV, 3). Foi isto que Jesus anunciou aos primeiros cristãos e que permanece ao longo dos séculos: a boa nova da libertação da miséria e da angústia.

A história não está submetida a forças cegas nem é o resultado do acaso: é sim a manifestação das misericórdias de Deus Pai. Os pensamentos de Deus superam os nossos pensamentos, diz a Escritura (cfr. Is. Lv. 8; Rom. XI, 33); por isso, confiar no Senhor significa ter fé apesar dos pesares, indo para além das aparências. A caridade de Deus — que nos ama eternamente — está por detrás de cada acontecimento, embora por vezes de uma maneira oculta para nós.

Quando o cristão vive de fé — com uma fé que não seja simples palavra, mas sim realidade de oração pessoal —, a segurança do amor divino manifesta-se em alegria, em liberdade interior. Esses nós que por vezes apertam o coração, esses pesos que esmagam a alma quebram-se e desfazem-se. **Se Deus está por nós, quem estará contra nós?** (I Cor. VIII, 31). E o sorriso acode imediatamente aos lábios. Um filho de Deus, um cristão que viva de fé, pode sofrer e chorar, pode ter motivos para sentir dor, mas para estar triste, não.

A liberdade tem uma das suas manifestações mais características na fraternidade.

A liberdade cristã nasce do interior do coração, da fé. Mas não é meramente individual, pois tem manifestações exteriores. Entre elas, uma das mais características da vida dos primeiros cristãos: a fraternidade. A fé — a magnitude do dom do amor de Deus — faz com que diminuam, até desaparecer, todas as diferenças, todas as barreiras: **já não há distinção entre judeu e grego, servo e livre, homem e mulher, porque todos sois uma só coisa em Jesus Cristo** (Gal. III, 28). Esse saber-se e amar-se de facto como irmãos por cima das diferenças de raça, de condição social, de cultura, de ideologia, é essencial no cristianismo.

O Opus Dei não entrou nem entrará nunca na política de grupos e partidos, porque a sua missão não é a política.

Não tenho por missão falar de política. Também não é essa a missão do Opus Dei, uma vez que a sua única finalidade é espiritual. O Opus Dei não entrou nem entrará nunca na política de grupos e partidos, nem está vinculado a qualquer pessoa ou ideologia. Este modo de actuar não é uma tática apostólica, nem sequer uma conduta meramente louvável. Para o Opus Dei, proceder assim é uma necessidade intrínseca, exigida pela sua própria natureza e expressa num sinal evidente: o amor à liberdade, a confiança na condição própria do cristão no meio do mundo, actuando com completa independência e com responsabilidade pessoal.

Não há dogmas nas coisas temporais. Não está de acordo com a dignidade dos homens tentar fixar verdades absolutas em questões em que por força cada um há-de contemplar as coisas do seu ponto de vista, segundo os seus interesses particulares, as suas preferências culturais e a sua própria e peculiar experiência. Pretender impor dogmas em matéria temporal conduz, inevitavelmente, a forçar a consciência dos outros e a não respeitar o próximo.

Respeitar a opinião dos outros e amar o legítimo pluralismo. Deus ao criar-nos correu o risco e a aventura da nossa liberdade.

Não quero dizer com isto que a atitude do cristão perante os assuntos temporais deva ser indiferente ou apática. De modo nenhum. Penso, porém, que um cristão tem de tornar compatível a paixão humana pelo progresso cívico e social com a consciência da limitação das suas próprias opiniões, respeitando por conseguinte as opiniões dos outros e amando o legítimo pluralismo. Quem não souber viver assim, não chegou ao fundo da mensagem cristã. Não é fácil e de certo modo nunca se chega a alcançar tal profundidade porque a tendência para o egoísmo e a soberba nunca morre em nós. Por isso, todos estamos obrigados a um exame constante, confrontando as nossas acções com Cristo, para nos reconhecermos pecadores e recomeçarmos de novo. Não é fácil chegar, mas temos de nos esforçar.

Deus ao criar-nos correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que seja uma história verdadeira, feita de autênticas decisões, e não uma ficção, nem uma brincadeira. Cada homem tem de fazer a experiência da sua autonomia pessoal, com tudo o que isso supõe de acaso, de experiência e, em algumas ocasiões, de incerteza. Não esqueçamos que Deus, que nos dá a certeza da fé, não nos revelou o sentido de todos os acontecimentos humanos. Juntamente com as coisas que são, para o cristão, totalmente claras e seguras, outras há, muitíssimas, em relação às quais somente há lugar para opiniões, isto é, para certo conhecimento daquilo que pode ser verdadeiro e oportuno, mas que se não pode afirmar de modo incontroverso. Porque não só é possível que eu me engane, mas ainda que, tendo eu razão, a tenham também os outros. Um objecto que parece côncavo, parecerá convexo àqueles que se situem numa perspectiva diferente.

A liberdade é a condição da convivência. A raiz do respeito pela liberdade está no amor.

A consciência da limitação dos juízos humanos leva-nos a reconhecer a liberdade como condição da convivência. Mas isto não é tudo e nem sequer o mais importante: a raiz do respeito pela liberdade está no amor. Se outras pessoas pensam de maneira diferente da minha, será isso razão para as considerar como inimigas? Só o egoísmo ou a limitação intelectual daqueles que pensam que não existem outros valores além da política e dos empreendimentos temporais podem ditar tal atitude. Mas um cristão sabe que não é assim, porque cada pessoa tem um preço infinito e um destino eterno em Deus; por cada uma delas morreu Jesus Cristo.

É-se cristão quando se é capaz de amar não só a Humanidade em abstracto, mas também cada pessoa que passa perto de nós. É uma manifestação de maturidade humana sentir a responsabilidade pelas tarefas das quais sabemos que depende o bem estar das gerações futuras; mas isso não nos pode conduzir a descuidar a entrega e o serviço nos assuntos mais ordinários, a ter um pormenor de amabilidade para com as pessoas que trabalham ao nosso lado, a viver uma verdadeira amizade com os nossos companheiros, a compadecer-nos de quem tem necessidades, mesmo que a sua miséria nos possa parecer sem importância em relação aos grandes ideais que prosseguimos.

Falar da liberdade é, enfim, falar de uma das maiores riquezas da fé.

Falar de liberdade, de amor à liberdade, é apontar um ideal difícil, é falar de uma das maiores riquezas da fé. Porque — não nos enganemos — a vida não é um romance cor-de-rosa. A fraternidade cristã não cai do céu, de uma vez para sempre, mas é sim uma realidade que tem de ser construída em cada dia. E que tem de ser numa vida que conserva toda a sua dureza, com choques de interesses, com tensões e lutas, com o contacto diário com pessoas que nos parecerão mesquinhas e com a nossa mesquinha parte também.

Mas se tudo isto nos desanima, se nos deixamos vencer pelo egoísmo ou se caímos na atitude céptica de quem encolhe os ombros, é sinal de que temos necessidade de aprofundar na nossa fé, de contemplar mais Cristo. Porque só nesta escola aprende o cristão a conhecer-se a si mesmo e a compreender os outros, a viver de tal maneira que seja Cristo presente entre os homens.